



# Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 2

Angela Maria Gomes  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes  
(Organizadora)

# Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Karine de Lima

**Revisão:** Os autores

#### **Conselho Editorial**

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 2 [recurso eletrônico] /  
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;  
v.2)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7247-070-4  
DOI 10.22533/at.ed.704192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.  
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

*Angela Maria Gomes*

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DESEMPENHO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA EM UM TESTE ESCRITO	
Ariane Moreira Tavares Eduardo Batista da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925011</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
(DES) ENCONTROS, O MUNDO UNE E SEPARA: O ENTRE-LUGAR EM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO	
Josiane Lopes da Silva Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925012</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
DIÁLOGO ENTRE CÂNONE E PRODUÇÃO DE FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: DO TRADICIONAL AO ATUAL	
Kátia Cristina Pelegrino Sellin Ricardo Magalhães Bulhões	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925013</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
DIÁLOGO SOCIAL E FORÇAS ESTRATIFICADORAS DA LÍNGUA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA ATRAVÉS DAS RÉPLICAS ATIVAS NAS PUBLICAÇÕES DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) NO INSTAGRAM	
Manuel Álvaro Soares dos Santos Erika Maria Santos de Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925014</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
ENEIDA MARIA DE SOUZA: A CRÍTICA QUE É A MIM TÃO CULT	
Camila Torres Edgar César Nolasco dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925015</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA SURDOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Iris Cynthia de Souza Ferreira Antonio Henrique Coutelo de Moraes Madson Góis Diniz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925016</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
ENTRE O NADA E O TUDO- A MORTE HUMANA	
Denise Moreira Santana Nathália Coelho da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925017</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>83</b>
EDUCAÇÃO PARA A LUTA: UMA LEITURA DO CONTO “FAUSTINO”, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA	
Diana Gonzaga Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925018</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>90</b>
ESPAÇO E OPRESSÃO EM SELVA TRÁGICA DE HERNÂNI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7041925019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>101</b>
<i>ESPAÑOL CON FINES ESPECÍFICOS: ESTRUTURANDO UMA DISCIPLINA DE ESPAÑOL DE LOS NEGOCIOS</i>	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
Silvia Renata Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>115</b>
EXISTENCIALISMO E SURREALISMO EM DESERTO DOS TÁRTAROS DE DINO BUZZATI: ANÁLISE DA RELEITURA CINEMATOGRAFICA DE VALERIO ZURLINI	
Sandra dos Santos Vitoriano Barros	
Helciclever Barros da Silva Vitoriano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
O FACEBOOK E O ENSINO DE LÍNGUA: UMA PROPOSTA POSSÍVEL	
Josefa Maria dos Santos	
Benedito Gomes Bezerra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>145</b>
IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DO USO DA INTERTEXTUALIDADE NO ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO	
Ronaldo Miguel da Hora	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>159</b>
LEITURAS ROSIANAS: COMICIDADE, CULTURA E LITERATURA	
João Paulo Santos Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>167</b>
LITERATURA E AS MÍDIAS VISUAIS: UMA RELAÇÃO	
Lídia Carla Holanda Alcantara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>177</b>
LITERATURA E TANATOLOGIA EM QUESTÃO: QUANDO A MORTE FALA DA VIDA	
Katrícia Costa Silva Soares de Souza Aguiar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>190</b>
MACABÉA FRENTE AO ESPELHO: DISSONÂNCIAS PROLÍFERAS E RESSONÂNCIAS DO GAUCHE DRUMMONDIANO	
Saul Cabral Gomes Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250117</b>	

<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>200</b>
MEMÓRIA CULTURAL: ANÁLISE DA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO INDÍGENA BRASILEIRO POR MEIO DO CONHECIMENTO ANCESTRAL	
<a href="#">Aline Santos Pereira Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>211</b>
NARRADOR E FOCALIZAÇÃO NO ROMANCE <i>ÍRISZ: AS ORQUÍDEAS</i> , DE NOEMI JAFFE	
<a href="#">Josilene Moreira Silveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>221</b>
NARRADORES DE JAVÉ: UMA ANÁLISE DA LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DA SOCIEDADE	
<a href="#">Aline Wieczikovski Rocha</a>	
<a href="#">Catiúcia Carniel Gomes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>231</b>
NARRATIVAS DE PROFESSORAS: PRESENCAS E SENTIDOS DE PRÁTICAS LEITORAS NA CRECHE	
<a href="#">Luziane Patricio Siqueira Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>242</b>
“NAVEGANDO À TERRAS DISTANTES”: TEATRO CONTEMPORÂNEO PARA CRIANÇAS	
<a href="#">Diego de Medeiros Pereira</a>	
<a href="#">Simoni Conceição Rodrigues Claudino</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250122</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>255</b>
O DESAFIO DAS LITERATURAS INDÍGENA E AFRO-BRASILEIRA: AÇÕES DE RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA	
<a href="#">Ana Claudia Duarte Mendes</a>	
<a href="#">Dejair Dionísio</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70419250123</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>270</b>

## O DESAFIO DAS LITERATURAS INDÍGENA E AFRO-BRASILEIRA: AÇÕES DE RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA

**Ana Claudia Duarte Mendes**

UEMS, Curso de Letras Port./Inglês

Dourados – MS

**Dejair Dionísio**

UFGD, FACALE/PPGL

Dourados – MS

**RESUMO:** Nosso trabalho insere-se no contexto atual de perdas, que vem sendo anunciadas desde os protestos de 2013 no Brasil, revestidas das inquietações do Golpe em 2016 e que nos leva, agora, para perdas de direitos. Assim, a pesquisa na qual nos debruçamos e que contempla tanto o fazer indígena e o afrodescendente, busca visibilizar uma poeticidade resistente, que enuncia a filiação às culturas ancestrais, tanto de indígenas como de afrodescendentes. O cenário político atual é complexo, cercado por discursos que semeiam preconceitos e reproduzem ideologias intolerantes, disseminadoras de ódios. Para contrapor a essa situação é necessária a atuação resiliente, aplicada a valorização de todas as vozes, para construir a ponte na cultura da paz, afastando a linha abissal existentes entre os vários grupos sociais. Colaborar para a construção de um imaginário que promova a superação da *colonialidade* e estabeleça relações de poder, saber e ser

adequadas ao viver na interculturalidade, sem deixar de considerar que também fazem parte desse atual contexto, outras necessidades de cuidados e respeito espiritual, do meio ambiente e do meio social, permeadas pelas questões etnicorraciais que tem sido atacadas diversamente e diariamente pelo projeto de subversão de direitos sociais que se instalou no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Colonialidade; discussão etnicorracial; interculturalidade; linha abissal; resiliência.

**ABSTRACT:** Our work inserts itself in the context of losses being announced since the popular protests of 2013 in Brazil, coated in fear of the Coup de'etat of 2016 and brings us, now, a large amount of rights loss. Therefore, this research contemplating the indigenous and afro-descendant works reaches out to the visibility of a poetic resistance, that announces the filiations to ancestral cultures, both indigenous and afro-descendant. The current political scenario is complex, surrounded by speeches full of prejudice that reproduce intolerant, hate ideologies. To fight back, a resilient acting is necessary, applied to appreciation of all voices, to build a bridge to peace culture, moving away the abyssal line between several social groups. Cooperate to the building of a notional view that promotes the overcoming of coloniality



and establishes relations of power and of knowledge that are suitable to a living interculturality, and not forgetting that other needs are found in this context, such as spiritual respect, ambience and social environment, all mixed with ethnic and racial matters, that are attacked constantly and daily by the designed overthrow of social rights installed in Brazil.

**KEYWORDS:** Coloniality; ethnic and racial discussion; interculturality; abyssal line; resilience.

## 1 | INTRODUÇÃO

A Educação brasileira passa por um período de alteração em suas concepções, as reformas no Ensino Fundamental e Médio, em processo de implementação, sinalizam os novos caminhos e diretrizes para o desenvolvimento da educação. Pesquisadores da área de educação apontam que estas alterações modificam as finalidades do Ensino Médio, proposto na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996, estas afirmações dizem respeito à formação desejada nesse nível de escolarização. Ao lermos sobre a crítica à Lei 13.415/2017, encontramos o seguinte:

Ao analisarmos o texto da Lei nº 13.415/2017, é possível inferir um movimento em direção a uma proposta de formação mais delimitada, reforçando o paradigma newtoniano-cartesiano, negligenciando o caráter mais abrangente promovido pela LDB de 1996. Embora a Lei de 2017 proponha, inicialmente, que os currículos considerem a formação integral do aluno, determinados conhecimentos científicos permanecem mais valorizados do que os demais, havendo, com isso, maior estímulo à determinadas áreas, conforme explicitaremos a seguir. (RAMOS, HEINSFELD, 2018, p. 10)

As autoras discutem sobre as concepções utilitaristas que permeiam a nova Lei, considerando sua aplicação, denunciam a retomada do caráter de formação dualista, estruturada no retorno de uma educação tecnicista, para o trabalho, de um lado e de outro a educação intelectual, preparação para a formação acadêmica, universitária. Diante destas considerações, inserimos nossa discussão sobre a questão da literatura e seu papel nesse modelo de ensino.

Pensar a literatura, e em específico as literaturas afro-brasileira e indígena, do ponto de vista de seu ensino e produção, é um desafio político, cultural e social, no contexto atual do Brasil. A condição de subalternidade da literatura frente a outras áreas do conhecimento, provocada pela Reforma do Ensino Médio, está inserida nos contextos políticos que resultaram nas mudanças políticas e educacionais pós golpe de 2016. Nesse sentido, nossas reflexões visam colaborar para que as temáticas que permeiam nosso fazer acadêmico e político permaneçam em pauta.

A primeira reflexão é a de que a literatura passa a ter uma condição subalterna diante de outras áreas de conhecimento. Para tanto, destacamos a Reforma do Ensino Médio, em Mato Grosso do Sul, realizada via Resolução/SED nº 3.196, de 30 de janeiro

de 2017, que dispôs sobre a organização curricular e o regime escolar, tanto do Ensino Fundamental, quanto do Ensino Médio.

Nessa resolução, na Seção II, constam as áreas de conhecimento no Ensino Médio divididas em quatro (Linguagens, Ciências da Natureza, Matemática e Ciências Humanas). No artigo 35, a área de conhecimento de Linguagens, passa a ser contemplada e subdividida no inciso I: “I. Linguagens: a) Língua Portuguesa; b) Artes; c) Educação Física; d) Língua Estrangeira Moderna, a obrigatória e a facultativa aos estudantes; (...)” (D.O. 9.340, 2017, p. 05), este inciso é completado com o parágrafo único, que tem a seguinte disposição: “Parágrafo único. Na reestruturação da área de Linguagens, a oferta da Língua Portuguesa objetiva integrar conhecimentos e saberes dessa disciplina com a Literatura, reorganizando seus conteúdos e eixos estruturantes” (...) (D.O. 9.340, 2017, p. 05).

Ao perder seu *status* de disciplina, a Literatura passa a integrar o conteúdo programático de outra disciplina e, nessa organização, ficou sem autonomia e teve diminuída a relevância como área de conhecimento, pois sua presença, na grade curricular do Ensino Médio, passa pela disputa de espaço com outras prioridades educacionais. Essa condição torna seu ensino dependente do tempo a ser disponibilizado pelo professor, da área de Língua Portuguesa, não mais definido e organizado pelo currículo escolar.

Ainda há outro aspecto da Reforma do Ensino Médio, em Mato Grosso do Sul, que consideramos importante destacar, no que tange ao cumprimento da Lei 11.645/08, encontramos na Resolução da SED/MS dois artigos que tratam dos conteúdos previstos na Lei:

Art. 12. Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena e às Relações Étnico Raciais são ministrados em todo o currículo do ensino fundamental e do ensino médio, em especial nos componentes curriculares ou disciplinas Arte e História.

Art. 13. O ensino de História deve assegurar as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia. (D.O. 9.340, 2017, p. 04)

Em relação específica a essa disposição, pensamos que a Lei 11.645/2008, passa a ser cumprida de forma diferente da disposta em seu texto original, ou antes, de forma incompleta, pois ao considerarmos o disposto, no parágrafo segundo da Lei, encontramos a seguinte organização:

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (BRASIL, 2018, p. s/n)

Ao reportarmos ao texto e sentido da Lei, consideramos que os conteúdos de que tratam, dizem respeito não apenas a cultura afro-brasileira e indígena, mas aos

relacionados às literaturas afro-brasileira e indígena. Nesse sentido, com a ausência da disciplina de Literatura, na grade do Ensino Médio de MS, estes conteúdos deixam de ser considerados como obrigatórios, pois a Resolução especifica apenas as áreas de Artes e História na obrigatoriedade de contemplarem tais conhecimentos.

Diante de quadro tão adverso em MS, pensamos nos professores que trabalham com as temáticas das literaturas afro-brasileira e indígena que enfrentam duplo desafio, o de confrontarem o cânone literário estabelecido, que desconsidera tais literaturas, e o da inserção e permanência da literatura como conhecimento válido e essencial na formação dos estudantes.

Assim, o estado do Mato Grosso do Sul vem caracterizando-se como uma dessas versões locais de dominação, sendo encarado como região de periferia ou de desenvolvimento industrial incompleto, conforme a análise econômica recorrente do período desenvolvimentista –atrelada as mudanças legais expostas até aqui, com enfoque na dinâmica de reprodução do capital. É justamente nesse contexto que o mito do atraso do estado foi forjado, na tentativa de construir um arcabouço ideológico que respaldasse a instalação de projetos industriais, porém majoritariamente ligados ao agronegócio.

Mas o que era considerado como atraso no Mato Grosso do Sul? Elementos, como o campo, a roça, os morros, as matas, as águas, os povos e comunidades tradicionais, os saberes tradicionais, os agricultores familiares, os indígenas, os quilombolas, entre muitas outras etnias que para cá se deslocaram. Nesse sentido, o mito do atraso foi inventado, através da montagem de uma gama de argumentações para a instalação de tais projetos, compreendidos como necessários para o desenvolvimento do estado.

No contexto sul-matogrossense atual do século XXI, políticas governamentais em nível federal, estadual e municipal têm se mostrado recorrentemente atreladas à lógica de formação de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho, talvez servindo de justificativa para as mudanças experimentadas recentemente nas leis que regem a educação no estado. Para tanto, vem considerando determinados sujeitos, seus saberes, suas experiências, além de comunidades tradicionais, como elementos do atraso e entraves para o desenvolvimento econômico. Percebemos nessa versão atual do desenvolvimento que o futuro já está dado e nesse futuro, não há lugar para afrodescendentes, quilombolas, indígenas, agricultores familiares, entre muitos outros sujeitos, comunidades tradicionais e suas territorialidades da cidade e do campo, bem como a educação do campo, educação indígena, educação quilombola.

De acordo com Boaventura de Souza Santos (2007), autor que temos dialogado e recorrido em nossos trabalhos, essa visão redutora do futuro, que supõe já sabermos o futuro e propõe o progresso e desenvolvimento, é característica da *Razão Proléptica*, uma das manifestações da *Razão Indolente das Ciências Sociais*, que apresenta categorias reducionistas na análise da sociedade. A outra manifestação consiste na *Razão Metonímica*, que contrai, diminui e subtrai o presente. Contrapondo-se a essas razões, o autor propõe a expansão do presente e a contração do futuro, como

procedimento epistemológico.

Lançando mão da teorização e reflexão desse pensador, problematizamos esse futuro sul-matogrossense pré-determinado, tanto para o campo, quanto para a cidade, na perspectiva de sua contração e abertura para possibilidade de existência, resistência e permanência desses sujeitos e povos tradicionais, bem como de suas territorialidades, geografias e histórias nesse território, ou seja, podemos vislumbrar a possibilidade de pensarmos outro mundo, por meio de outra globalização, mais humana e incluyente, a partir do que pressupõe o geógrafo Milton Santos (SANTOS, 2001).

Nesse sentido, devemos ponderar que essas mudanças específicas pertencem a uma política que visa continuar a perpetuação de um estado de exclusão de pessoas, com início no processo colonial. A defesa da Literatura, enquanto conhecimento necessário para a formação do ser, é necessária para as formulações que pretendemos discutir.

## 2 | LITERATURA E RESISTÊNCIA

Ao pensarmos sobre o papel da Literatura na formulação do que consideramos narrativas sobre a nação, fica compreensível entender o processo de exclusão iniciado no período colonial e a perpetuação das relações de *colonialidade*, que de acordo com Quijano (2010), propiciam a continuidade das práticas do período colonial e que colocam na condição de subalternidade o ser, o saber e o poder, dos povos submetidos ao poder das metrópoles coloniais.

(...) De facto, o fim do colonialismo político, enquanto forma de dominação que envolve a negação da independência política de povos e/ou nações subjugados, não significou o fim das relações sociais extremamente desiguais que ele tinha gerado, (tanto relações entre Estados como relações entre classes e grupos sociais no interior do mesmo Estado). O colonialismo continuou sobre a forma de colonialidade de poder e de saber, para usar a expressão de Anibal Quijano neste livro (SANTOS, 2010, p. 18).

Ao utilizar o termo *colonialidade*, Quijano (2010) discute sobre as relações e práticas culturais que se perpetuaram após as independências. Santos (2010), argumenta que no período colonial se estabeleceu o que conceitua como *linha abissal*, a demarcação dos espaços culturais e sociais que dividia o mundo em dois durante a colonização. Ao aproximar, o que denomina de *universo civilizado* do *universo da barbárie*, o pesquisador define a existência de uma linha imaginária que separa os civilizadores (colonizador) dos bárbaros (colonizados). Esta linha separava o *mundo moderno cristão ocidental* do *mundo das heresias*, dos desprovidos de fé verdadeira, de leis e de governo.

A linha abissal (SANTOS, 2010), ao opor os dois mundos, definia a distinção entre

ambos, de um lado, os direitos cidadãos, para aqueles que pertenciam à civilização, e de outro, a violência e marginalização para aqueles que, por não serem civilizados, eram submetidos aos rigores da lei, do governo e da fé. Neste processo, a violência torna-se naturalizada, pois as relações de poder são pautadas pelo discurso e prática do colonizador.

O regime colonial teve seu fim, com as independências nacionais, mas isso não representou para os colonizados, libertação dos modelos de dominação. O que se seguiu foi a continuidade do modo de expropriação, pois os pressupostos vigentes ainda reproduziam as desigualdades sociais, e as práticas culturais, bem como as apropriações violentas. Nesse sentido, o termo *colonialidade* refere-se às condições de vida nos países que, libertos dos colonizadores, permanecem submissos a ordem hegemônica econômica/cultural mundial.

Nesse contexto, a continuidade de uma política de apropriação e violência, de destituição do direito ao saber, ao poder e ao ser, deve ser contraposta por uma permanente luta por: demarcações das terras indígenas, contra a violência aos afrodescendentes, no campo e nas cidades, pela valorização da educação e formação das populações postas à margem (SANTOS, 2010). Nesse sentido, os atingidos pelas reordenações econômicas e sociais ditadas pelo capital são os que precisam lutar todos os dias pelo direito a existência, como no caso das diversas etnias indígenas, pelos afrodescendentes, pelos marginalizados no sistema econômico e cultural.

A lógica da *colonialidade* opera no processo de desqualificação e apropriação dos sistemas culturais dos povos colonizados, nesse sentido, ocorre a reprodução dos valores e práticas culturais dos colonizadores, enquanto estes apropriam-se dos conhecimentos dos colonizados e, ao mesmo tempo, promovem a desqualificação das práticas culturais e desses mesmos conhecimentos. Nesse processo, esses conhecimentos que foram apropriados, serão reordenados de acordo com a lógica do capital, e reproduzidos e comercializados como novos conhecimentos, agora sob a égide do saber ocidental.

É importante frisar esta questão, principalmente quando estamos pensando sobre a literatura e seu contexto de formulação, pois as linhas abissais e o processo de apropriação, são pertinentes quando discutimos o próprio conceito de literatura. Ao estudarmos a lógica do processo colonial, constatamos como essa funciona no sentido de apropriação das culturas e dos fazeres, promovendo a desqualificação da arte, das performances e da literatura, de tudo que é produzido fora dos padrões ditados pela cultura ocidental. Nesse sentido, consideramos importante ponderar sobre o que significa Literatura.

Chamarei de literatura, de maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional, ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2011, p. 176).

Ao escolhermos dialogar com Candido (2011) sobre conceito e papel da literatura, selecionamos um texto em que este discute a literatura, como direito humano, e o faz afirmando que “(...) a literatura é o sonho acordado das civilizações (...)” (CANDIDO, 2011, p. 177), nesse sentido, esta é “(...) fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade (...)” (idem, p. 177), ao fazê-lo torna-se inalienável de todos os povos e patrimônio do imaginário de todas as culturas, parte da tradição, manutenção e resistência cultural de diferentes povos.

Ao considerarmos que a literatura é fundamental instrumento na *instrução* e *educação* (CANDIDO, 2011), compreendemos a necessidade de dialogar com obras que possibilitam essa perspectiva. Nesse sentido, escolhemos fazer uma leitura da poesia de Maria das Graças Ferreira (Graça Graúna), escritora indígena Potiguara/RN, professora da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, participante do Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas do Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual (INBRAPI).

A obra da escritora potiguara nos permite o diálogo com a tradição, pensar a temática indígena e afro-brasileira, ao mesmo tempo. Os pressupostos teóricos que iluminaram nossa leitura estão inseridos nos estudos culturais e decoloniais, pois a lírica da poeta insere-se na luta e resistência dos povos indígenas.

Retomando o conceito de *colonialidade*, ao discutirmos a questão da inserção da lírica produzida por indígenas e afrodescendentes, encontramos resistências e dificuldades no interior das universidades, principalmente no sentido de conceituar esta produção cultural. Ao retomarmos o conceito de literatura formulado por Candido (2011), nossa intenção foi poder afirmar o *status* de literatura aos textos produzidos fora do âmbito acadêmico. É necessário romper com as estruturas da *colonialidade*, inserindo os estudos de literatura afro-brasileira e literatura nativa, indígena ou ainda, textualidades indígenas, conforme conceitos ainda em construção dessas produções literárias.

Ao relegar os textos e as vozes de indígenas e afrodescendentes ao apagamento e silenciamento, o processo colonial formou um cânone da literatura brasileira, no qual há narrativas sobre estes e não deles (MATOS, 2012). Esses discursos sobre o Outro, permeiam a percepção sobre os diferentes povos indígenas, nomeados e identificados com o termo “índios”, sem as distinções étnicas, De acordo com Daniel Munduruku (2012, p. 44), “(...)Para ficar mais claro, lembro que, até o final da década de 1950, o termo *índio* era desprezado pelos povos indígenas brasileiros. Esse desprezo era provocado pela visão distorcida que a sociedade brasileira tinha a respeito do “índio (...)”. Nesse sentido, o autor ao escrever sobre o movimento indígena, denuncia essa percepção do Brasil sobre eles:

(...) Pude assim, constatar que a visão equivocada – e propositadamente estereotipada – sobre nossos povos foi perversamente orquestrada, retirando deles

– em muitas circunstâncias – a humanidade de sua visão de mundo e colocando-os como empecilho par ao desenvolvimento proposto pelo Estado brasileiro e que passava pelo extermínio – depois assimilação e integração – das suas diferenças culturais e espirituais (MUNDURUKU, 2012, p. 16).

Ao pensar a literatura como instrumento de humanização, dialogamos com a percepção de que esta possa auxiliar no processo de ruptura com a visão estereotipada de populações inteiras, aldeadas em todo território nacional, que sofrem com o preconceito, o desconhecimento, o descaso e abandono das autoridades. Dessa forma, ao lermos a afirmação de que

Aos poucos, a literatura indígena no Brasil está saindo da invisibilidade, o que já aconteceu com a afro-brasileira. Essa literatura pode ao mesmo tempo alimentar sua resistência nas favelas ou se fortalecer em meio ao sagrado *toré* onde quer que aconteça. Fruto da experiência com o barro, com as ervas, com as sementes, com as folhas das palmeiras, com os cantares e os lamentos do mundo animal; com o espírito vigilante dos protetores das matas; com a sofreguidão das árvores decepadas pela serra elétrica; com as aldeias destroçadas pelo agronegócio, a literatura indígena faz parte de um mundo que, infelizmente, muitos desconhecem (GRAÚNA, 2014, p. 55).

Ao afirmar seu pertencimento à literatura indígena, Graúna (2014) destaca a importância da visibilidade da literatura indígena e também da afro-brasileira, destacando a importância do encontro das pessoas, em prol do alimento das almas, seja nas cidades ou aldeias, em seu *Toré* (ritual de celebração espiritual, com cantos, danças). A afirmação de Graça Graúna permeia o fazer identitário, necessário para a resistência cultural e nos faz lamentar que a Lei 11.645/08 tenha perdido seu espaço de ação, a partir da reformulação do Ensino Médio, que retirou de pauta as discussões acerca das temáticas que valorizam a diversidade étnica, cultural e ecológica, em nosso país.

Mas o lamento é maior, pois a Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, já tinha incluído no currículo oficial da Rede de Ensino brasileira a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” a ser ministrada nas diferentes disciplinas, com ênfase na Literatura e na História Brasileiras, bem como na Educação Artística.

Os conteúdos referentes à História da África e dos africanos, à luta dos negros no Brasil, à cultura negra brasileira e à contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política na constituição do projeto-nação. Conteúdos até então subestimados na educação formal dos brasileiros, tornam-se, hoje, pedras angulares na constituição da cultura média das crianças e dos jovens, desafiando seus professores também quanto ao domínio de novas informações e ao desenvolvimento de atitudes que favoreçam o reconhecimento da participação da cultura africana na modernidade. Neste bojo, o combate a toda forma de reprodução do racismo em nossa sociedade.

Sendo assim, poder-se-ia observar o contemporâneo que hoje encontra-se em risco, que consideramos aqui, a partir da Segunda Guerra Mundial, da Revolução

Chinesa, da Queda do Muro de Berlim, do fim do *Apartheid* na África do Sul ou pela contagem de épocas, como no escape de estudantes em 1960-70, o boicote africano a Copa do Mundo em 1966 ou o fim das ditaduras nas Américas nos idos anos 1980, além da libertação dos países africanos em guerras coloniais, fazem coro com o lirismo denunciador de Graúna.

Então, o que é atual se torna um problema para o contemporâneo, pois, passados 33 anos do fim da ditadura e do golpe militar no Brasil, poderia não ser atual. Pode-se dizer que o moderno se associa ao contemporâneo, sendo uma aceleração do moderno e do capitalismo científico, relacionado à Agamben (2009), que propõe ser o contemporâneo, qualquer época associada a algo que diz respeito a ela.

Pensar esse contemporâneo conduz, diretamente, aos contos e poesias compilados nos *Cadernos Negros*, lugar em que se busca demonstrar como as narrativas dos personagens afrodescendentes, sobressaem como uma categoria específica a ser visitada, numa sociedade que, como bem pontuou Mário de Andrade em seu poema *Garoa de meu São Paulo*, todos são brancos.

Portanto, a nossa pesquisa vem se debruçando exatamente nisto: a busca da recuperação de registros referentes à representação desse sujeito negro/indígena na produção de Graça Graúna, que trazem a marca da diferença como distintivo, procurando também fazer emergir discursos que se colocam do lado contrário do instituído, demonstrando como este sujeito, o afrodescendente/indígena – mesmo quando aviltado em sua humanidade, consegue sobrepujar as adversidades históricas e construir formas de permanência, sobretudo quanto à identidade cultural. E no que se refere a essa cultura, vem a ser presença imprescindível para se entender a constituição deste segmento social e seus mecanismos desenvolvidos para continuar trilhando nessas tortuosas e generalizantes noites ocidentais.

Ainda é um devir, a formação de um *corpus* que, inclusive, dialogue com África e Américas no sentido *lato*, considerando os limites da CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e do Mercosul, em termos da literatura ou dos enfoques na especificidade da própria Literatura afro/indígena-brasileira e como ela(s) se insere(m) no contexto de sua gênese, que vem a ser os componentes primeiros da sua constituição estética.

Em outra pesquisa sobre *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*, Regina Dalcastagnè (2005) alerta para a ausência de estudos que se debrucem sobre duas identidades, a do afrodescendente e a do pobre. Para Dalcastagnè (2005, p. 15), “de um modo geral, esse tipo de ausência costuma ser creditada à invisibilidade desses mesmos grupos na sociedade brasileira como um todo”. Interessa ao plano de trabalho aqui proposto, a constituição do afrodescendente e sua representação literária.

Sendo também a literatura um reflexo da sociedade, lugar em que questões circundantes são discutidas, torna-se frutífero suscitar debates que levem este segmento social, em particular, a uma conscientização criteriosa de sua condição numa



sociedade de vícios ainda segregadores. Somente assim se reconhece a contribuição para a formação de um pensamento independente que se emancipa na medida mesma que permita, a futuros pesquisadores comprometidos com estes estudos, perceberem valores que os expliquem e identifiquem.

É com este objetivo que se elucida a produção que verse sobre a representação de afro-brasileiros. Portadores de linguagens e simbologias próprias, produtores de discursos tradutores de um *ethos* que os singularize, trazem, em suas inscrições, elementos a apontarem outra ordem de sentido. Nos textos, “outras” palavras lançando luz para “outros” (até agora ocultados) lugares de saber e fazer literários.

### 3 | LIRISMO E RESILIÊNCIA

O lirismo de Graça Graúna chamou-nos a atenção quando lemos *Cadernos Negros*, volume 29, de 2006. Ao mesmo tempo em que a consideramos autora indígena do povo Potiguara, o fato desta publicar em *Cadernos Negros*, tornam sua escrita bastante singular. Afinal, ao aproximarmos as temáticas indígenas e afrodescendentes, o fazemos por força da Lei nº 11.645/2008, mas ainda não havíamos encontrado uma produção poética que permitisse o encontro entre as culturas. Agrata leitura dos poemas desta escritora nos permitiu um olhar para essa interculturalidade. Consideramos importante afirmar o conceito de interculturalidade dado por Santos (2010)

Ao contrário do multiculturalismo – que pressupõe a existência de uma cultura dominante que aceita, tolera ou reconhece a existência de outras culturas no espaço cultural onde domina – a interculturalidade pressupõe o reconhecimento recíproco e a disponibilidade para enriquecimento mútuo entre várias culturas que partilham um dado espaço cultural. (SANTOS, 2010, p. 16)

Esta interculturalidade permeia o tecido poético da escritora, que resiliente em seu fazer, publica seus textos poéticos em diferentes meios. Em *Cadernos Negros* (2006), volume 29, temos os seguintes poemas: *Resistência* (p. 120); *Alma benzida* (p. 121); *Cumplicidade* (p. 122); *Poesia da ladeira* (p. 123); *Crianças de Angola* (p. 124); *Mandingas* (p.125) e o último *Quase hai kai* (p. 126). Antecedidos pela epígrafe que abre o conjunto de poemas: “Ao escrever, dou conta da minha ancestralidade; do caminho de volta, do meu lugar no mundo” (GRAÚNA, 2006, p. 119).

Ao ler a epígrafe, pensamos no sentido desta escrita, pois ao escrever, o eu-lírico ata as pontas dos conhecimentos na ancestralidade poética. No respeito e encontro com o universo ancestral, encontramos a perspectiva que direciona o conjunto de poemas, a união das culturas indígena e afrodescendente. Ao selecionar o poema do qual falaremos, buscamos neste o sentido intercultural, presente no fazer poético da escritora Potiguara, de poesia singular:

## Alma Benzida

Acuda, meu Santo!  
Sou só uma mulher  
perdida nesse mundo.  
Uma cabocla velha,  
A mais pobre e não me engano.

Sou só uma mistura:  
índia-negra se acabando,  
para salvar minh'alma  
benzida pela Mãe d'Água  
para acender o meu canto. (GRAÚNA, 2006, p. 121)

A partir do título do poema, começamos nosso percurso de leitura: *Alma benzida*, dois conceitos importantes, o de alma e de benzimento. *Alma* é um conceito também presente na cultura ocidental, desde a filosofia de Platão, encontramos formulações para o sentido desta. Mas é o fato desta vir *benzida*, que direciona nosso percurso de leitura.

O ato de benzer pertence não mais ao mundo da filosofia e da ciência ocidentais, adentramos no espaço do ser religioso, de acordo com Eliade (2008) viver o sagrado é parte do fazer de todas as civilizações. É no sagrado que o homem harmoniza-se com o cosmos, plenifica-se ao encontrar os deuses, no tempo dos começos, quando tudo foi criado.

O homem religioso desemboca periodicamente no Tempo mítico e sagrado e reencontra o Tempo de origem, aquele que “não decorre” – pois não participa da duração temporal e é constituído por um eterno presente indefinidamente recuperável. [...] Reestabelecer o Tempo sagrado da origem equivale a tornarmos contemporâneos dos deuses, portanto a viver na presença deles – embora esta presença seja “misteriosa”, no sentido de que nem sempre é visível. (ELIADE, 2008, pp. 79-80)

Quando o homem religioso busca a cura, ele retorna ao mito da criação, volta ao tempo dos primórdios, quando não havia doenças, de acordo com Eliade (2008, p.75) este ritual “(...) consiste na recitação solene do mito da Criação do Mundo, seguida dos mitos da origem das doenças (provocadas pela cólera das Serpentes) e da aparição do primeiro xamã-curandeiro que trouxe aos homens os medicamentos necessários.” No universo cosmogônico dos povos afrodescendentes e indígena, o benzimento pertence ao saber ancestral, aqueles que benzem são os iniciados na arte da cura. Ao estudar sobre o benzimento encontramos a seguinte afirmação:

(...) a benção é um veículo que possibilita a seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos de um lado, de outro com os homens, e entre ambos simultaneamente. A benção é, então, um instrumento pelo qual homens produzem serviços e símbolos de solidariedade para si e para sujeitos da

classe social da qual fazem parte. E, na maioria das vezes, eles produzem bênção através da religião a que pertencem (OLIVEIRA, 1985, p. 9).

Esta afirmação auxilia-nos a compreender o primeiro verso do poema: *Acuda, meu Santo!* Uma vez que o ato da bênção é instrumento de ligação, ou como quer Eliade (2008) ritual de atualização do mito, das narrativas sagradas, revelações dadas ao homem iniciado, que passa a fazer parte de um universo *sagrado*, rompendo com as amarras do mundo *profano*. O mito está presente em todos os povos, dá sentido à vida e aos fazeres culturais. Um dos autores indígenas a apresentar um conceito de mito é Jecupé (1998) que narra sobre os mitos de povos distintos, e conceitua essas narrativas como:

Essas histórias revelam o jeito do povo indígena contar a sua origem, a origem do mundo, do cosmos, e também mostra como funciona o pensamento nativo. Os antropólogos chamam de mitos, e algumas dessas histórias são denominadas lendas. No entanto, para o povo indígena é um jeito de narrar outras realidades ou contrapartes do mundo em que vivemos. De maneira geral, pode-se dizer que o índio classifica a realidade como uma pedra de cristal lapidado que tem muitas faces. Nós vivemos em sua totalidade, porém só apreendemos parte dela através dos olhos externos. Para serem descritas, é necessário ativar o encanto para imaginarmos como são as faces que não podem ser expressas por palavras (JECUPÉ, 1998, p. 68).

O escritor indígena narra o mito da vivência indígena, de outras realidades possíveis. Voltando ao poema, retomando o sentido da palavra *Santo*, destacamos que esta indicia pertencimento, no caso das religiões de matriz africana, encontramos em Adolfo (2010) a explicação para uma expressão que faz parte do imaginário popular.

(...) A expressão “fazer o santo” não é gratuita, porque realmente, o sacerdote vai imantar no assentamento a energia que ainda nesse momento é universal, e não tem uma identidade própria. É a energia do fogo, da água, do ar ou da terra, que será manipulada e redistribuída entre o assentamento e a cabeça do neófito. Essa energia, a partir desse momento, ganhará uma identidade própria, aquela que o sacerdote lhe der através da palavra falada, da oração recitada e da cantiga que será entoada (ADOLFO, 2010, p. 54).

Ao evocar o *Santo*, o eu-lírico enuncia seu pertencimento aos fazeres religiosos afrodescendentes, apresenta-se como pertencente a esse universo cosmogônico. Sua identificação em sentido mais amplo, faz-se a partir das narrativas míticas, nas quais encontra sentido para a vida, retomando a ideia expressa na epígrafe, no espaço/tempo dos ancestrais.

Na sequência do poema, esta identificação vai ganhando outros sentidos, pois o eu-lírico afirma: “Sou só uma mulher/ perdida nesse mundo. / Uma cabocla velha,/ A mais pobre e não me engano.” Sua identificação como mulher, e *cabocla velha*, chama a atenção, a palavra *cabocla* no senso comum, diz respeito às miscigenações entre brancos e indígenas. Mas no contexto do poema, o eu-lírico identifica-se como

*cabocla* e *velha*, o que nos leva a pensar sobre o fato de que no panteão da Umbanda, os *Caboclos* são entidades sagradas, os ancestrais indígenas.

O adjetivo *velha*, nas culturas indígenas e afrodescendentes, não tem o sentido pejorativo da cultura de mercado, coincidindo com o sentido de desprezado, ou descartado. Para essas culturas o adjetivo significa sabedoria, os “mais velhos” são os que nos contam sobre e nos ligam com os ancestrais, detêm o conhecimento do sagrado, pois no verso seguinte: *a mais pobre e não me engano*, a qualificação como a “mais pobre” ao lado da afirmação “não me engano”, relacionam-se com esse viver no mundo sagrado, pois este é o domínio do saber e não do ter. A incompreensão da cultura ocidental frente aos valores das outras culturas.

Seguindo essa linha de pensamento, no poema há a união entre as culturas afro-indígena, como podemos perceber na estrofe seguinte: *Sou só uma mistura:/ índia-negra se acabando,/ para salvar minh'alma/ benzida pela Mãe d'Água/ para acender o meu canto*. Nestes versos a presença das Entidades do Panteão indígena e afro-brasileiro se fazem presentes.

A referência à Mãe d'Água remete-nos aos estudos sobre o Candomblé Yorubá, e a Entidade conhecida no imaginário popular do Brasil como Yemanjá ou Iemanjá. A grafia da palavra, de acordo com a origem Yorubá, é Yemoja, Orixá originária da região de Abeokuta, na Nigéria. Ela é venerada como uma energia das águas, com poderes de concepção, cura e comunicação com a ancestralidade. (JAGUN, 2017)

Ao se referir aos ancestrais indígenas e suas narrativas mitológicas sobre as origens centradas na Natureza, o escritor Jecupé (1998) declara que: “Cada nação ou clã guarda em sua memória cultural a sua ascendência dentro do reino da natureza de acordo como pensamento de ancestralidade. Guarda a memória dos pais e da interação desses, ou, como dizem, do namoro dos Pais Trovões com a Mãe Terra” (JECUPÉ, 1998, p. 27).

Nesse conjunto de poemas encontramos indígenas e negros lutando pelo direito a existência, com o termo *canto* finalizando o poema e indiciando a manutenção dos rituais, da dança, celebram a vida e a ligação com os ancestrais, com a origem. Encerramos as considerações sobre o poema com a voz da escritora, reverenciando seus ancestrais:

Aqui, peço licença aos nossos ancestrais para expressar o que vem da minha alma. Mesmo que eu não tenha vivido os horrores que os parentes indígenas vivenciaram com a chegada obscura das caravelas, careço, preciso deixar, aqui, mas minha acanhada impressão de leitura; almejando um futuro em que todos se reconheçam irmãos, e que a nossa vista alcance um futuro sustentável como quer a poesia. (GRAÚNA, 2018, p. 272)

Essa fala reitera o sentido de resistência e resiliência que estamos percorrendo ao discutir e materializar as temáticas afrodescendentes e indígenas, no intuito de propiciar uma compreensão sobre o papel do educador na promoção das relações

eticorraciais na perspectiva intercultural, com respeito a todas as diversidades culturais. Nesse percurso, dialogar com Santos (2010) oportunizou que vislumbrássemos maneiras de ver e estar no mundo, contribuindo para os sentidos de igualdade e equidade, formulando *epistemologias do Sul*.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES

Ao situarmos nosso trabalho nas inquietações e proposições acerca da literatura, aproximamo-nos de Antonio Candido, a fim de fazer a defesa desta área de conhecimento como instrumento na formação do cidadão, conforme preconizado por Milton Santos, do direito à ocupação dos espaços de saber, de ser e de poder, conforme Aníbal Quijano. A necessidade do conhecimento como ferramenta de conscientização para ocupação das cidades e do campo, promovendo a ruptura das linhas abissais que aprisionam a periferia nas bordas marginais, de acordo com Boaventura de Sousa Santos.

Os estudos da ancestralidade permitiram dialogar com conhecimentos deixados à margem no processo colonial, o respeito devido aos saberes tradicionais indígenas, apresentados por Kaká Werá Jecupé, bem como o dos fazeres religiosos afrodescendentes, de Sérgio Paulo Adolfo, Márcio Jagun, em harmonia com os estudos sobre o benzimento de Elda Rizzo de Oliveira.

Nesse processo, aprendemos sobre as questões macrossociais, que estão envolvidas no discurso do Estado Mínimo, representado nesse processo de perdas de direitos e reformas que consolidam uma perspectiva de mercado na formação dos jovens a partir da implementação da Reforma do Ensino Médio, discutida no início do texto.

Nosso trabalho insere-se nestes contextos na luta por inserir pautas que possam visibilizar culturas ancestrais, o que justifica a análise do fazer literário de Graça Graúna, no estudo do imaginário, a fim de promover a superação da *colonialidade*, na educação para a interculturalidade e de preservação dos valores etnicorraciais, na tessitura do texto.

#### REFERÊNCIAS

ADOLFO, Sérgio. *Nkissi Tata Dia Nguzu: estudo sobre o candomblé congo-angola*. Londrina: EDUEL, 2010.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. (tradutor Vinícius Nicastro Honesko). Chapecó, SC: Argos, 2009.

BRASIL, Lei 11.645 de 10 de março de 2008. In: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm), acesso em setembro, 2018.

BRASIL, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro 1996. In: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei->

9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html, acesso em setembro, 2018.

BRASIL, Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017. In: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13415-16-fevereiro-2017-784336-publicacaooriginal-152003-pl.html>, acesso em setembro, 2018.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

D.O. 9.340 (Diário Oficial – Mato Grosso do Sul, de 31 de janeiro de 2017). In: [http://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/Download/DO9340\\_31\\_01\\_2017](http://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/Download/DO9340_31_01_2017), acesso em setembro, 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. In: *Estudos da Literatura Brasileira Contemporânea*. ISSN 2316-4018 on-line. N. 26. 2005. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123>, acesso setembro, 2018.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GRAÚNA, Graça. Poemas. In: RIBEIRO, Esmeralda, BARBOSA, Márcio. (org.) *Cadernos Negros*, volume 29: poemas afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2006.

\_\_\_\_\_, *Literatura: Diversidade Étnica e outras Questões Indígenas*. In: *Todas as musas*. ISSN 2175, ano 05, número 02, janeiro a junho, 2014. In: [https://www.todasasmusas.org/10Graca\\_Grauna.pdf](https://www.todasasmusas.org/10Graca_Grauna.pdf), acesso em setembro, 2018.

\_\_\_\_\_, *Literatura indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto*. In: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/3357/3078>, acesso em setembro, 2018.

JAGUN, Márcio de. *Yorubá: vocabulário temático do candomblé*. Rio de Janeiro: Litteris, 2017.

JECUPÉ, Kaká Werá. *A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio*. 3ª edição. São Paulo: Peirópolis, 1998.

MATOS, Cláudia Neiva. Textualidades indígenas no Brasil. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.) *Conceitos de literatura e cultura*. 2ª ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)*. São Paulo: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria de Paula. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

RAMOS, Flavia Regina Oliveira; HEINSFELD, Bruna Damiana de Sá Solón. *Reforma do ensino médio de 2017 (lei nº 13.415/2017): um estímulo à visão utilitarista do conhecimento*. ISSN 2176-1396. EDUCERE: XIII Congresso Nacional de Educação. In: <https://educere.pucpr.br/p1/anais.html>, acesso em setembro, 2018.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria de Paula. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. *Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social*. São Paulo: Boi Tempo, 2007.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Angela Maria Gomes** - Licenciada em Letras e Especialista em Gestão de Pessoas e Gestão de Treinamento & Desenvolvimento de Pessoas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR).

Atuação na Educação Formal como: Supervisora de Ensino; Docente em Ensino Médio e Curso preparatório para concursos na área de Língua Portuguesa; Docente em Ensino Superior nas áreas Português Instrumental e Gestão de Pessoas; Relatora do CEP – comitê de Ética em Pesquisa.

Atuação na Educação Profissionalizante como Técnica em Educação Profissional, coordenando cursos de aprendizagem, capacitação e aperfeiçoamento; Instrutora de Desenvolvimento Pessoal.

Participante do Programa Uaná de voluntariado executivo do ISAE/FGV – Curitiba/Pr.

Palestrante nos temas: “Educação: Processo de construção, dos agentes à influência na vida profissional.” ; “Competência Humana como Diferencial Competitivo: Contrata-se pelo currículo, demite-se pelas atitudes.”; “Comunicação Assertiva”;

Atualmente atua na Associação Menonita - Faculdade Fidelis - como docente e revisora dos artigos da Revista científica Cognition, assim como Técnica de Atividades no Serviço Social do Comércio/SESC – Curitiba/Pr coordenando projetos na área de Educação.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-070-4

